

DIAS SÁBIOS

“Ensina-nos a contar os nossos dias, de tal maneira que alcancemos corações sábios”

(Salmo 90:12)

O presente salmo consagra a diferença entre os dias de Deus: “porque mil anos são, aos seus olhos, como o dia de ontem que passou...” (v.4); “o Senhor é Deus, de eternidade a eternidade” (v.2), e os dias do homem, que são “como um sono” (v.5), “como a erva” (v.5), “como um suspiro” (v.9). Noutra ocasião dizia outro salmista: “Faz-me conhecer, Senhor, o meu fim, e a medida dos meus dias qual é, para que eu sinta quanto frágil sou” (39:4).

Estas palavras foram escritas por Moisés. Será, por isso, interessante referir que ele, quando morreu, morreu no pleno uso das suas capacidades, visuais, intelectuais, vocais, físicas, e todas as demais (Deu.34:7); mas, nós, podemos lamentar das muitas vezes que falhamos nas nossas capacidades e muitos são os que adormecem, e de cujos dias pouco há para narrar, pois nunca souberam contar os seus dias sabiamente. Já dizia o apóstolo Paulo: ***“Vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios...”*** (Efe.5:15).

Mas, a lição mais significativa que o autor deste salmo não conta o tempo como nós contamos: “porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos são os meus caminhos, porque assim como os céus são mais altos que a terra, assim são os meus caminhos mais altos que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos que os vossos pensamentos” (Isa.55:8-9).

Ora, a contagem dos nossos dias pode ter uma perspectiva quantitativa ou qualitativa, facto que se expressa em todas as páginas das Escrituras Sagradas. Assim, vemos crentes que vivem muito, mas o seu conteúdo é pouco significativo; outros há que, aparentemente tem dado pouco, mas o Tribunal de Cristo os coroará como os que foram as colunas

que sustentaram a sua obra; talvez como *“os sete mil que não dobraram o joelho a Baal”*, (1Rs.19:18) que Elias desconhecia, mas nos momentos cruciais, na hora do testemunho, estiveram na frente dos mais ousados. Nicodemos e José de Arimateia foram dois que poderiam ser contados como aqueles sete mil! (Joa.19:38-39).

A vida da carne não agrada a Deus, porque a sua natureza é oposta à natureza divina. A natureza de Deus é santa e pura, e a natureza carnal é pecado, é mal (Rom.8:5-8). Por essa razão é que os dias do crente vividos na carne, são dias que não contam na agenda de Deus, serão omitidos quanto ao galardão a atribuir aos crentes nessa situação, cujas obras poderão ser bem comparadas a *“madeira, feno e palha”* (1Co.3:12), as quais, diante do *“fogo da sua justiça”* não subsistirão, sofrerão detrimento, e o seu louvor será, por certo, muito reduzido.

Pelos factos apontados é que, Deus, *“não tem em conta os tempos da ignorância do homem...”* (Act. 17:30). Muitas são as referências Bíblicas que nos alertam para esta pesada realidade: os dias dos perdidos não contam para Deus porque são vividos na carne (Efe.2:2-3); e os dias do crente, vividos na carne, não tem qualquer significado para Deus, pela única razão, e que já foi observada: a carne é inimiga de Deus. A *“amizade do mundo é inimizade contra Deus”* (Tia.4:4), porque os padrões do mundo estão fundados *“na concupiscência da carne, na concupiscência dos olhos, e na soberba da vida, que não provêm do Pai, mas do mundo”* (1Jo.2:16-17). E o mesmo se diga de Satanás: é a própria essência da vida de carne, a sua fonte e o seu estímulo. A carne é a própria natureza do Diabo, que nos foi legada aquando do pecado de Adão e, pelo qual, *“entrou no mundo”* (Rom.5:12). É uma trindade maligna, intrínseca e inseparável (Efe.2:2; 6:12).

ALGUNS EXEMPLOS RELEVANTES:

1. A Genealogia de Mateus 1

Encontramos nesta genealogia 42 gerações, desde Abraão até ao Senhor Jesus Cristo (v.17). No entanto, quando comparadas com outras descrições da sagrada genealogia (digo sagrada por causa da sua semente), nomeadamente 1Cro.1:3; 2Cr.12:15,31; Nee.7:5,61-65, constatamos a omissão de quatro nomes. São eles: **Acazias, Joás, Amazias e Joiaquim.**

Teria havido um esquecimento do Espírito Santo? não por certo, pois quando examinamos as vidas destes reis, apercebemo-nos que foram ímpios; os três primeiros são descendência directa de Jezabel, a quem o Senhor amaldiçoou, e Joiaquim um aliado consagrado do rei do Egipto. Foram reis indignos de Israel e pessoas cujos nomes são indignos de figurarem na árvore genealógica do Senhor. Estas omissões não são mais que demonstrações de que tais pessoas foram cortadas do livro de Deus: genealógico e da vida, face ao seu pecado de rejeitar ao Senhor.

Amigo leitor, estarás nesta condição? Estarás tu, entre aqueles cujos nomes não foram encontrados no Livro da Vida de Deus? (Apo.20:15). Examina-te e clama a Deus por misericórdia, arrepende-te dos teus pecados e Ele te Salvará (Act.16:30-31).

2. Abraão em Harã

Em Génesis 12 lemos que Deus chamou a Abrão. Tinha ele 75 anos (v.6). Segundo esta descrição, parece que tudo se tinha processado conforme as orientações divinas. No entanto, quando lemos Actos 7, apercebemo-nos que, quando Deus o chamou, estava ele em Ur dos Caldeus (v.2), de onde, depois disso, foi para Harã. Deus chamou-o para Canã e não para Harã! Foi um período de fraqueza de Abrão que Génesis omite. Mas, foi erro? de maneira nenhuma! foi um acto de fé? nem pensar. Hebreus 11, o capítulo dos actos de fé nem o refere, como não poderia deixar de ser. Foram dias vividos na carne e, como tal, não contaram nos actos de fé de Abraão. E assim será connosco: tudo o que não é de fé é pecado, é carnal e sem representação no livros dos relatos dos santos de Deus.

Além disso, o Senhor disse-lhe: *“deixa a tua terra e a tua parentela”*, o que não aconteceu porque com ele foi a sua família, que não foi ajuda nenhuma, nomeadamente Lot (Gen. 13).

Quase desnecessário seria repetir as palavras do Senhor: *“quem amar pai e mãe, mais que a mim, não é digno de mim...”* (Mat.10:37). Como estamos a viver a nossa vida? com que disposição? que lugar o Senhor está a ocupar no nosso diário? que lugar ocupa Ele na nossa vocação? que Ele nos ajude!

Mas a vida de fracassos de Abraão não ficam por aqui. Também, estes episódios, ao constarem das Escrituras, não se destinam ao deleite de um leitor indiferente, mas, sim, para ensino nosso (1Co.10:11-12). Por tal

razão, lemos que, tendo sobrevivido um período de fome em Canã, Abraão desceu ao Egípto. Ali, teve experiências desagradáveis e, pelas quais, teve de retirar-se dali apressadamente (Gen.12:10...). Pela leitura do contexto obtemos o conhecimento de que não foi da vontade de Deus que Abraão tivesse descido ao Egípto. Então, no seu regresso, ele teve de voltar ao lugar que antes tinha deixado: “o altar”, entre Betel e Ai (13:3). Como a ele, a exortação repete-se para nós: “Lembra-te de onde caíste e arrepende-te... pratica os primeiros actos...” (Apo.2:5).

Eis o princípio básico: se caímos temos de voltar ao princípio... e, por outro lado, louvemos ao nosso bom Deus, porque, na sua graça, concede-nos sempre uma nova oportunidade de o servirmos... *“Ele restaura-nos sempre...”* (Sal.23).

3. Israel no Antigo Testamento

Israel, na sua história, teve outra experiência digna de registo, no seguimento daquilo que temos vindo a considerar. Em Actos 13, Paulo afirma que a soma dos anos que dista entre o Êxodo e a construção do Templo de Salomão é de 573 anos. Por outro lado, e relativamente ao mesmo período, o próprio Salomão afirma que é de 480 anos (1Rs.6). Será que nos encontramos diante de um lapso cronológico das Escrituras? Porquê uma discrepância de 93 anos? Em Actos 13 temos uma descrição quantitativa histórica, e em 1Rs.6, temos uma descrição qualitativa histórica. Onde, então, estão compreendidos aqueles 93 anos?

Quando estudamos este período de Israel detectamos que, durante longos períodos, Israel esteve sob o domínio de nações gentílicas. Isso aconteceu no período em que aquela nação esteve sob o regime de governo de juízes. A soma desse período é de 93 anos, conforme temos descrito naquele livro.

Concluimos, com isso, que Deus chamou aquela nação e a escolheu para ser livre e dominar sobre os povos idólatras e pecadores, incutindo-lhes uma vida com os novos princípios divinos. Naquele período deu-se precisamente o contrário. Foi um período em que Israel esteve dominado pela sua carne e andava no curso deste mundo, das nações pagãs. Vidas deste teor não tem qualquer significado para Deus, nem contam no curriculum das experiências de fé do crente.

E não só isso. Quando lemos Daniel 9, e a descrição das setenta semanas de anos (Heb. “**setenta setes**”) que sobre Israel estavam determinadas, notamos que a última semana foi suspensa com a morte do Messias. Noutros textos do Profeta Daniel e no livro do Apocalipse vemos que essa semana corresponde ao período do “*princípio das dores e à grande tribulação,*” também profetizado pelo Senhor em Mateus 24, e que ainda se encontra por cumprir. Entre outras passagens bíblicas, Romanos 11 explica que Israel foi rejeitado e o plano divino para aquela nação foi suspenso com a introdução da dispensação da Igreja “Corpo de Cristo”, facto que ocorreu por causa da incredulidade de Israel. Este período não faz parte do historial divino para este povo, nem faz parte dos seus planos para aquela nação: são dias de incredulidade.

Como estamos a viver os nossos? Os princípios de Deus são os mesmos. “*Se vivermos na carne, na carne ceifaremos a corrupção (a decomposição, o detrimento)*” (Gal.6:8). Não nos enganemos, pois Deus também não se deixa “levar”, em termos correntes, ou melhor, “não se deixa enganar”, para usar os termos bíblicos.

4. A Semente de Seth e a de Caím

Em Génesis 4 e 5 temos duas genealogias, dois povos, dois tipos de pessoas: a família de Caím e a família de Seth. Ambas as descrições são de dez descendentes e, de ambas as descrições, os sétimos depois de Adão, (de Caím foi Lamech e de Seth foi Henoch), foram os mais marcantes das duas gerações.

Os factos mais marcantes destes dois tipos de pessoas são que, a descendência de Caím viveu retirada de Deus: “*E saiu Caím de diante da face do senhor, e habitou na terra de Nod (exílio, esconderijo)...*” (v.16), e, por cuja consequência, “*edificou uma cidade...*” (v.17), e com a sua família foi o pai da civilização, pois um dos seus descendentes foi músico (v.21), outro dedicou-se ao comércio do gado (v.20), e outro ainda, dedicou-se à guerra (v.22). Seus nomes eram Jabal, Jubal e Tabal, cuja raiz deriva da palavra “correr”, “fruir” ou “avançar”. Era a civilização em pleno progresso. E não foi só a arte a sua grande atracção. Também a beleza e os prazeres caracterizaram os seus costumes. Estava personalizada em Lamech. Teve duas mulheres: Ada (heb. “beleza”, “ornamento”) e Zila (heb. “sombreada”), que, no fundo, representam a concupiscência da carne

e a concupiscência dos olhos! No entanto, com este sistema veio o medo, os crimes e as mortes: como seria de esperar de vidas separadas de Deus (v.23). “Salvai-vos desta geração perversa...” (Act.2:40), já dizia Pedro.

Na outra genealogia, o outro povo, foi um povo que se sujeitou às orientações divinas (4:25-26) e foi caracterizado, não como se tenha apartado de Deus, mas, como quem **“andou com Deus... e Deus para si o tomou...”** (5:21-24). Todos os seus dez descendentes tiveram nomes, cujo significado apontavam para o Senhor: Sete (semente - Cristo), Enos (frágil, fraco, mortal - pecador), Cainã (aquisição, ter, possuir - aceitar a salvação), Malalel (Deus é esplendor - louvor a Deus por...), Jaredé (descendente – fruto cristão), Henoch (dedicação), Matusalém (quando morrer virá – esperança), Lamech (homem forte – fortalecimento), e, Noé (descanso).

Esta descendência pode ser agrupada em quatro momentos, com significados próprios e distintos: **(1)** de Adão a Seth, salvamento; **(2)** de Enos a Jaredé, despertamento; **(3)** de Enoch a Lamech, comunhão; e, **(4)** em Noé, o descanso. São momentos que descrevem bem as etapas da nossa experiência espiritual, quando crentes espirituais.

Nesta descendência vemos que eles optaram em andar com Deus. Para eles, não era preciso o Edén para andarem com Deus. Não era o lugar que era importante mas o coração... **“E já não era mais porque Deus para si o tomou...”** (5:24). Já não era mais, já não vivia mais ele... mas Deus! Faz-nos recordar as palavras de Paulo: **“vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim...”** (Gal.2:20). Se Henoch andou com Deus 365 anos, quererá dizer com isso o Senhor, que viveu toda a sua vida assim. 365 dias representam uma órbita da terra à volta do sol. Henoch andou 365 anos à volta do Sol da Justiça (Mal.4:2).

Enquanto a geração de Caím escolheu viver retirada de Deus, a geração de Seth optou em viver buscando ao Senhor. As consequências disso foram o descanso (“Noé”, heb. é descanso) para a geração de Seth, e ninguém da sua descendência morreu com o dilúvio (figura do castigo de Deus). Todos morreram antes do dilúvio (basta fazer as contas das idades), enquanto que, a geração de Caím morreu toda sob o castigo divino, pela sua incredulidade.

Mas, o facto mais significativo e que barra as duas gerações é o seguinte: a geração de Seth tem a contagem de todos os seus dias. São dias numerados por Deus porque, para Deus, as suas vidas tem

profundo significado, são vidas que valem, são vidas que tem galardão, vidas de fé, vidas ***“que tem de Deus o Louvor”*** (1Co.4:5). Mas, da geração de Caím, nada lemos das suas idades, quanto tempo viveram, porque, por muito que tenham sido civilizados, ricos e poderosos, cheios de alegria aparente, com música, muita luxúria e prazeres... tudo foi em vão, inútil e sem significado. Para ***quê “ganhar o mundo inteiro e perder a alma?”*** (Mat.16:26), para quê tanto esforço, importância, se isso, na balança de Deus não tem qualquer peso? Não esqueçamos as palavras de Deus a Belsazar: ***“fostes pesado na balança...”*** (Dan.5:27), e que o mesmo será dito a nós: também seremos pesados!

O Senhor também nos manda lembrar de quatro coisas de Lot: (1) “os dias” (Luc.17:28); (2) “o dia em que Lot saiu de Sodoma...” (Luc.17:29); (3) “da mulher de Lot” (Luc.17:32); e, (4) “do próprio Lot” (2Pd.2:7). Tudo ele perdeu por não escolher uma vida de fé. Quantos anos viveu? não sabemos! nem Deus os teria contado porque os dias vividos na carne não contam para Deus. Deus não contou os seus dias porque não os conta como nós contamos. Não são os pensamentos como nós pensamos. Mas, de Abraão, sabemos que viveu 175 anos (Gén.25:7), todos contadinhos por Deus, pois foram anos de fé. Estes dias foram daqueles que Deus conta...

CONCLUSÃO

Termino com o último versículo do Salmo 90: ***“E seja sobre nós a graça do Senhor, nosso Deus; e confirma sobre nós a obra das nossas mãos: sim, confirma a obra das nossas mãos” (v.17), e, “andai com sabedoria...”*** (Col.4:5).

VPP

DIAS SÁBIOS	1
“ENSINA-NOS A CONTAR OS NOSSOS DIAS...”	1
EXEMPLOS RELEVANTES:	2
1. Genealogia de Mateus 1	2
2. Abraão em Harã	3
3. Isreal no Deserto	4
4. A Descendência de Caim	5
CONCLUSÃO	7
INDICE	8